

O Trabalhador

ANO IV

Redacção e Administração: R. Capelo, 5 - L.º, Esq.
15 DE FEVEREIRO DE 1938

Director e Editor: Manuel de Anunciação Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.º

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 156 - Lisboa
QUINZENARIO - Avulso \$30

N.º

Em socorro da Família Contra a vida C O I S A do Arco da Vél

O ponto mais importante do nosso programa é o **salário familiar completo**. Temos de passar ainda por situações intermédias antes de chegarmos àquele magnífico objectivo, mas nem por isso o nosso entusiasmo atrefece ou a nossa confiança descai.

Sensatos, justos, conhecedores das realidades, não queremos utopias nem disparates.

Sabemos que as grandes transformações se não devem operar de repente, mas com **vagarosa tenacidade**, para se realizarem com segurança e certeza de vitória.

Mas, apesar disto tudo, a vontade firme coloca à frente do nosso programa social o **salário familiar**, para que se saiba que aquilo que vamos defendendo não é um fim, mas apenas meios necessários para atingir outro fim mais nobre e mais alto.

Mas que entendemos nós por **salário familiar**?

Entendemos aquêlê salário que, com o funcionamento das **Caixas de Compensação**, basta para um chefe de família sustentar decentemente o seu lar, seja qual for o número dos seus filhos.

Isto supõe, a par de elevação dos salários àquele nível necessário, grandes transformações nos hábitos e na vida dos nossos meios operários e até na própria economia.

Em primeiro lugar, o trabalho das mulheres terá de ser reduzido ao mínimo indispensável à indústria. Efectivamente, o **salário familiar** tem por objectivo immediato libertar a mulher casada da necessidade de trabalhar fora do lar. A sua missão é de ser mãe e essa só a pode realizar plenamente, dedicando-se apenas ao arranjo da casa, ao cuidado com o marido e à educação dos filhos. Mas nem só a mulher casada deixará a fábrica, a oficina e os escritórios. O própria rapariga, aquela que virá a ser esposa e mãe tem a obrigação de se preparar convenientemente para tão grande missão e não é no trabalho da fábrica ou do escritório — onde a promiscuidade a perverte e contamina e onde esgota as suas forças — que adquirirá aquela soma de conhecimentos, hábitos e virtudes com que tem de se ornar, se quiser ser útil à Pátria e ao seu novo lar.

Em segundo lugar, o **salário familiar** supõe a possibilidade de uma melhor e mais completa educação dos filhos, o que obriga a retardar a admissão dos menores ao trabalho, para uma idade mais avançada. Nem só a mulher tem de saber ser mãe. O homem carece também de uma grande preparação para ser bom operário, digno de receber o **salário familiar**, e sobretudo para desempenhar devidamente a sua nobre missão de marido e de pai. Esta preparação tem de ser feita na juventude e não é também na rua, na fábrica ou nos escritórios que ela se adquire.

Em terceiro lugar, o **salário familiar** exige, pelos braços que se vão arrancar ao trabalho comercial e industrial — o braço das mulheres e dos menores — que o trabalhador adquira mais efectividade no seu esforço, para que o aumento dos salários não traga consigo a ruína da indústria, ou a falta de mão d'obra necessária ao desenvolvimento económico da nação.

Estas as principais transformações que, uma vez operadas, tornarão o lar do operário mais alegre, mais belo e mais feliz. Torná-lo-ão, numa palavra, um lar hu-

mano, onde a virtude fará grande a alegria.

Quão longe estamos ainda de conseguir a obtenção destas justíssimas aspirações de um **salário familiar**? Quantas transformações não é preciso ainda operar até obtermos aquêlê resultado final?

Aliás o **salário familiar** de pouco valeria, se ficasse êle só a garantir a paz e a tranquilidade do lar. O **salário familiar** tem de ser defendido com outras garantias que ponham a família ao abrigo da desgraça, no caso de o seu chefe se tornar incapaz para o trabalho por doença, desastre e velhice, ou se vier a morrer antes do tempo.

O **salário familiar completo** supõe, portanto, as **Caixas sindicais de previdência** e as **caixas de pensões, de viuvez e as de reforma**.

Para lá se vai caminhando com tenacidade, mas o caminho a andar ainda é longo e bem difícil de transpor. Muitos serão os obstáculos erguidos em nome das necessidades da economia, à realização do nosso plano cristão, que parece também ser o plano do Estado Novo, se bem que muitos dos que se dizem dêle estejam bem longe de o ser.

Mas nós não reconhecemos à economia, nem à indústria o direito de se opor a estas aspirações, porque a economia existe para o homem e não o homem para a economia.

Entretanto lutemos. O esforço da nossa união, do nosso sacrificio é o único meio de que dispomos para a realização integral do nosso magnífico ideal de justiça.

Não esperemos que o **salário familiar** caia do céu, que a família seja defendida e protegida como merece, por qualquer milagre social espontâneo ou que os patrões comecem de um dia para o outro a compreender a sua missão social.

E conhecemos e só conhecemos que devemos contar. É só pela nossa união e pela nossa filiação nas organizações sindicais legalmente constituídas que venceremos.

Avante, pois! O nosso esforço, o nosso sacrificio, o nosso sofrimento, serão os alicerces da nova construção social por que aspiramos para acabar de vez com as injustiças e com as escravidões sociais.

A. V.

Reclamações

Por motivo de doença da pessoa encarregada de tratar das reclamações, mandá-las a quem de direito e escrever esta secção, somos forçados, por não a poderemos imediatamente substituir, a reduzir, neste número, as informações que costumamos dar aos nossos prezados leitores e amigos.

Todas as reclamações e informações que recebemos esta quinzena foram já entregues às autoridades respectivas.

Agradecemos as informações que nos deu um nosso prezado assinante do Norte sobre a falta de pagamento de salários mínimos, etc.. O seu caso será tratado como é preciso ser.

Esperamos que todos os nossos prezados amigos nos desculpem a falta involuntária de não desenvolvermos esta secção como era nosso desejo, mas isso não significa que tenham ficado sem andamento as reclamações enviadas. A prova cada um dos que nos escreveram a pode tirar.

Não há dúvida. No nosso tempo trava-se um combate contra a vida humana em vários sectores.

Não é só a guerra, monstro tragador de vidas em todos os tempos — e que no actual não ceifa só as flos que vão à guerra que as vai buscar à retaguarda das forças que combatem, entre os civis desarmados — mulheres, velhos e crianças, com os bombardeamentos da aviação.

Impedem-se vidas, com a chamada eugenia, para que de pais defeituosos não nasçam filhos defeituosos, como se êstes não nascessem às vezes de pais sãos e escorregitos. Não era muito melhor aplicar todos os meios, para combater as causas da corrupção dos próprios pais?

Impedem-se vidas propagando e legalizando o divórcio, pois está provado que a estabilidade da família é condição da numerosa prole e quanto mais se propaga o divórcio tanto menos filhos nascem e os que nascem mais sujeitos estão ao abandono e à degenerescência física.

Pois agora também se pretende atacar a vida no fim! Está para ser discutido no parlamento inglês uma lei que permite e torna legal e regulamentada a prática de mandar mais depressa para o outro mundo os doentes incuráveis a quem a família queira satisfazer esse desejo.

Não se calcula as consequências que resultarão de semelhante lei! Ainda que a circundem de todas as cautelas — e o projecto nesse ponto não satisfaz como mostrou num discurso o dr. O'Donovan — está-se a ver o que se passará quando um pobre doente, no meio de dores atrozes, exprimir o desejo de as ver terminar seja como fór — e esse desejo coincidir com o da família de se ver livre dêle quanto antes!

E dizemos a família — que ainda devemos supor animado de amor e carinho. Mas que será quando o doente for um estranho sem laços de sangue com os que tratarem de lhe acelerar a morte? E que será, quer seja pessoa da família, quer não, quando o doente fór rico e se espere uma boa herança, ou quando estiver segurado por uma choruda quantia que a morte levará mais cedo às pessoas que têm os olhos postos na apólice do seguro. Parece-nos que é o caso de se dizer que em vez do antigo provérbio *o seguro morreu de velho* se poderá dizer que *ter sorte o segurado que morrer de velho*.

Ninguém tem o direito de querer a morte para se libertar das dores, que muitas vezes, num momento de maior desespero, a fazem desejar. A dor é muitas vezes uma paga antecipada do que se deve à justiça divina, se a suportamos com esse espírito de expiação, quer por nós próprios quer pelos outros.

E depois, uma doença pode parecer absolutamente incurável aos médicos, mas uma reacção inesperada pode também deixar mal a sentença dos peritos. Os médicos também se enganam, e os exemplos não faltam, de médicos que foram andando muito antes de certos doentes que tinham dado por irremediavelmente perdidos em prazo determinado.

Veremos o que dão os debates da lei dos *arbitros da morte* no parlamento inglês.

Não percas o tesouro imenso dos teus sofrimentos. O teu trabalho, as tuas lutas, as tuas alegrias, as tuas penas e as tuas dores, oferece-as a Jesus-Operário pelo resgate na paz da grande e sacrificada família operária.

Este número de «O Trabalhador» foi visado pela Comissão de Censura

As coisas do Arco da Vélha tocam a, pela nossa porta. No número passado, falta de espaço. Neste número... é a do pobre fabiano que costuma escrever es-
ção.

Seja feita a vontade do Senhor!
Escrevem-se estas linhas na cama, a mais em vôs do que nas desordens dos
E que também na cama, doente, mártir se pode fazer bom. Basta olhar para a para Cristo crucificado, oferecer tudo o triunfo das justas reclamações dos que O resto é com Ele. O nosso sacrificio pode valer, ser pequeno, mal suportado. Mas nossa boa vontade fór grande, basta.

Pois então, mesmo de cama, vamos lá a linhazitas, para a costumada secção.

A primeira das coisas do Arco da Vélha impressionou nesta quinzena — as da zena passada vão tão longe que já nem mi-
bro deas — foi a falta de paciência que te em muitos de nós. Pretende-se chegar a logo de entrada.

Não, senhor! As coisas para irem bem de se devagar. Nunca ouvistes dizer que gar se vai ao longe?

Mas o que é mais curioso é que aquêlê mais pressa têm sido precisamente aquêlê menos fazem.

O mundo é assim, ou melhor, há muito mais que são assim. Pobres diabos, sem t de para nada, incapazes de fazer um sacri-
ninguém os atura em má lingua e em c-
tismo.

Passemos por êles camaradas amigos, por um monte de terra à borda do canal com indiferença. Detzá-los, pobres criaturas, pior mal é o dêles.

E isto vem também muito a propósito e converso que ouvimos, há dias, a um ca-
teiro.

Anda-se para aí, dizia o tal cavalheiro, a tar fazer um sindicato da profissão dos ca-
teiros cá em Lisboa! Mas para que serve o-
lo? Os salarios estão na dependura. Há ui-
preiteiros que até já baixaram um escudo
salário. Não temos defesa nenhuma: no v-
têm para ai carpinteiros da provincia que
sujeitam mais e toca a ficar sem trabalho
ter um salário menor. Para que nos serve,
tes casos, o sindicato?

Ora que palerma!

Se as coisas estivessem todas bem, se não
viesse injustiças nem possibilidade de se p-
carem, se o operariado tivesse obtido tudo q-
to tem direito humanamente a ter, então
então é que não era preciso sindicato
nada.

Mas que quereis? Não temos de que nos
mirar. Já a Sagrada Escritura nos preveniu,
o número dos tolos é infinito...

Li, há bocado, nos jornais que em França
operários suocaram violentamente outro e,
fim, deitaram-no a um fôssô, donde foi reti-
felicemente com vida, só por êle não perti-
a organização sindical e por trabalhar mais
ros do que as que estavam estabelecidas!

É claro que nunca aplaudiremos tal proce-
mento, mas, francamente, quantos operários
que, porque não cumprem os seus deveres, i-
judicam gravemente não são a êles próprios
que isso pouco importava — mas todos os o-
camaradas!

Sejamos todos ordeiros, respeitadores, paci-
tes, mas saibamos cumprir sempre o nosso
ver, sacrificando-nos e lutando todos por um
por todos.

É este o conselho do amigo certo que da
na vôs escreve estas linhas, já cansado, sem
der escrever mais.

CALENDARIOS

Do senhor João Nunes Sequeira, de Santo A-
lôndis das Arcas, recebemos dois interessantes e
lenários para 1938 e dois mapas do Portug-
com a nova divisão administrativa. Estes dois bri-
des fazem reclamo aos «Pimentões Flor do Perir-
e ao papel de fumar Sem-Fim.
Muito gratos pela oferta.